



A PATERNIDADE E HOMOSSEXUALIDADE: RELATO DE DOIS CASOS EM ULIANÓPOLIS/PA

Evanildo Lopes Monteiro¹
Adelma Pimentel²

Introdução

As pesquisas sobre homossexualidade e paternidade muito embora estejam apenas iniciando estão progressivamente conquistando interesse acadêmico, o que antes não acontecia (TARNOVSKI, 2008). Para Zambrano *et al* (2006) as questões relativas à homossexualidade estiveram soterradas pelo preconceito e pelo temor em passado recente, as estatísticas pouco registravam demandas sobre o tema, sintonizando tal asceticismo com a produção de uma literatura geral e científica tímidas e acanhadas.

Este panorama vem se alterando e cada vez mais estudos relacionados à paternidade homossexual (UZIEL (2002), SANTOS (2004), SCOTT (2005), DE JESUS (2005), GONTIJO (2005), ZAMBRANO (2006), TARNOVSKI (2008)), ganham o cenário acadêmico contribuindo para entender que a paternidade supera questões relacionadas à biologia, ou seja, pai sempre foi unicamente quem, por meio de uma relação sexual, fecunda uma mulher, a qual, levando a gestação a termo, dá à luz um filho. Desta maneira, presunções de paternidade afastam-se do fato natural da procriação, visto que o homem homossexual pode referendar hoje a denominada “posse de estado de filho” ou “filiação socioafetiva”, no caso de adotar uma criança, ou então fazer uso das tecnologias reprodutivas, co-parentalidade e ainda envolver-se com o sexo oposto.

O alargamento da concepção de família; as proposições dos legislativos internacionais para o reconhecimento do casamento e/ou do contrato civil entre homossexuais (como por exemplo, legislações na Holanda, Portugal, Argentina, Itália, Alemanha, Suécia, Dinamarca), assim como no Brasil como é o caso de uma decisão judicial no Rio Grande do Sul, concedendo o direito de parceiros homossexuais terem pensão por morte ou prisão (DE JESUS, 2005) alteram a percepção social e instituem a garantia dos direitos fundamentais aos sujeitos independentes do sexo e da orientação sexual.

1 Terapeuta Ocupacional, mestrando em Psicologia Clínica e Social da Universidade Federal do Pará (UFPA), pesquisador do Núcleo de Estudos Fenomenológicos (NUFEN).

2 Psicóloga, PHD pela Universidade de Évora/Pt. Vice-diretora da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente da Faculdade de Psicologia da UFPA e do programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Psicologia da UFPA. Coordenadora do Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas (NUFEN). Coordenadora do GT Gênero, Saúde e Violência do GEPEM/UFPA/PARÁ.



A psicologia clínica de base Gestáltica na UFPA, através do NUFEN, tem produzido conhecimento no campo das violências de e intra gêneros. Tem realizado com a terapia ocupacional diálogos interdisciplinares no campo da saúde. Nesta interlocução surge esta investigação sobre a paternidade homossexual.

Metodologicamente realçamos que a pesquisa é de orientação qualitativa. Fizemos, inicialmente, uma entrevista gravada e os discursos do entrevistado foram transformados em textos conjugando, na medida do possível, a teoria da interpretação de Ricouer (1975); os conceitos da Gestalt-Terapia, da terapia ocupacional social, das teorias de gêneros e da paternidade também serão ponderados a partir dos dados empíricos.

Interlocução entre terapia ocupacional e gestalt-terapia

No mestrado em psicologia da UFPA são formados pesquisadores da psicologia e ciências afins. As áreas de concentração do programa são a clínica e a social. Este trabalho se inscreve na área da psicologia clínica sendo a gestalt-terapia e a terapia ocupacional os sistemas teóricos que formam o fundo que fornece base às análises dos dados empíricos.

Para Ribeiro (1985) a gestalt-terapia procura ver o homem como um ser particular, singularizado no seu modo de ser e de agir, concebendo-o como único no universo, individualizado a partir do encontro verdadeiro entre sua subjetividade e sua singularidade, faz da compreensão a ferramenta da intervenção.

A terapia ocupacional tem como objeto de estudo a ação humana, entendida como todo o fazer do homem em sua vida cotidiana. A partir desta compreensão e da análise das condições (físicas, psicológicas, sociais) que podem afetar esse fazer, o terapeuta ocupacional intervém, no sentido de ajudar aquele que se lhe apresenta como cliente, a encontrar (ou reencontrar) seu lugar social, como ser ativo e autônomo, tendo metas a qualidade de vida e a inclusão social. Por ser o fazer humano seu objeto de estudo, é também este fazer o seu instrumento de trabalho. É através da ação, da atividade, que o terapeuta e cliente constroem os caminhos do processo terapêutico (BARTALLOTTI, 2009).

Perls (1979) relata que a gestalt-terapia tem a intenção de transformar pessoas de papel em pessoas reais, fazer o homem inteiro vir à vida, e ensiná-lo a usar seu potencial inato para ser um líder sem ser rebelde, tendo um centro ao invés de viver inclinado, para isto acontecer é necessário que a gestalt seja completada. Se a gestalt não for completada o homem fica com situações inacabadas, e essas situações pressionam para serem acabadas e completadas.



No âmbito da terapia ocupacional existem muitas estruturas de referência, e no campo de intervenções pode-se citar a atuação da terapia ocupacional social que contribui significativamente para o homem e sua qualidade de vida, realizando um resgate da reflexão sobre questões que circundam o cotidiano e da resignificação do seu fazer, respeitando os diferentes momentos e possibilidades dos indivíduos (DE OLIVEIRA *et al*, 2008).

O homem homossexual pode manifestar o desejo de vivenciar a paternidade (figura), e os meios que poderia alcançar a paternidade seria considerado o fundo, caso este desejo não pudesse ser realizado por diversos fatores como o medo do preconceito social e o desconhecimento do cuidado paterno o indivíduo poderia ter alterações nos processos funcionais de contato e afastamento, o que pode causar uma distorção na existência do indivíduo enquanto organismo unificado.

Na prática da gestalt-terapia a ênfase é em ampliar constantemente a consciência da maneira como a pessoa se comporta, e não esforçar-se para analisar a razão pela qual a pessoa se comporta de tal forma, por isso a preponderância do como sobre o porquê (TELLEGEN, 1984). Para Perls o determinante causal, ou seja, o porquê da ação é irrelevante para qualquer compreensão plena da mesma, já que toda a ação tem causas múltiplas, e as explicações de tais causas nos distanciam mais da compreensão do ato em si.

A fuga da conscientização e a conseqüente rigidez da percepção e do comportamento são os maiores obstáculos ao crescimento psicológico. Ocasionalmente um desequilíbrio, interrompendo o crescimento, impedindo o homem a ver suas reais necessidades. Considerando que cresce consideravelmente a possibilidade do homossexual vivenciar a paternidade torna-se socialmente relevante esta pesquisa para contribuir à elaboração de uma intervenção no âmbito da saúde.

A esses pressupostos da terapia ocupacional, acrescentamos a perspectiva de cuidado paterno proposto por Pimentel (2008) que permite compreender o significado de paternidade. A autora fundamenta que a palavra “pai” é derivada de *pater*, o nutridor, aquele quem demonstra amor, não se esquece de suas funções e tarefas, expressa afetividade, promove divertimento mútuo, cultiva a moralidade, educa, sustenta, dialoga, atualiza-se, cria condições para a instalação do universo lúdico, dá atenção, é companheiro e dedica-se incondicionalmente. Identificamos, nesta primeira entrevista os significados que o sujeito atribuiu à paternidade.

Panorama acerca de sexualidade, gênero e homossexualidade



A sexualidade é um construto que problematiza a vivência do sexo e do gênero. Atualmente, a organização mundial da saúde (OMS) apresenta um conceito de sexualidade como uma construção baseada nas relações sociais, experiências, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, condutas e práticas (PIMENTEL *et al*, 2010).

Gênero abrange a identidade de gênero que diz respeito à experiência subjetiva de pertencer a um grupo de homens ou de mulheres que praticam papel de gênero, ou seja, comportamentos, atitudes e traços de personalidade que são designados em uma sociedade femininos ou masculinos, em determinada cultura e período histórico.

A identidade de homens e mulheres e os significados de gênero são construções históricas e socioculturais, [...] decorrem, entre outros motivos, do modo como o mundo lhes foi apresentado, da educação, recebida, da cultura dominante, das relações que trava, de como é reconhecido pelo grupo e como conduz seus atos. Apesar das muitas conquistas do movimento feminista e das mulheres, no Brasil ainda convivemos com desigualdades de gênero marcantes: tradicionalmente, homens e mulheres recebem educação diferenciada, não por respeito às diferenças entre os sexos e sim para torná-los desiguais e com isto marcá-los, rotulá-los e destiná-los a lugares e papéis. (PIMENTEL *et al*, 2010 p.60).

Em outras palavras, essa distinção entre sexo e gênero consiste em que o primeiro corresponderia ao aspecto biológico, relacionado à esfera reprodutiva entre homens e mulheres, enquanto gênero faria referência aos significados socialmente construídos. Gênero seria, portanto, uma categoria social imposta sobre a subjetividade e corpos sexuais.

Para Scott (1995) gênero é uma categoria útil de análise histórica e o seu núcleo de definição numa conexão integral entre duas proposições: um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas/ construídas sobre os sexos e uma forma primária de dar significado às relações de poder.

Butler (2003), outra estudiosa de gênero, apresenta, também, a questão de “gêneros inteligíveis” denominando aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidades entre sexo, gênero, prática sexual e desejo (Os homens homossexuais escapariam à matriz de normas de gêneros coerentes, isto é, ligadas a uma heterossexualidade compulsória. Butler discute que em outro contexto certos tipos de identidades não podem existir, e neste contexto pode aparecer o desejo de um homem homossexual manifestar o desejo de exercer a paternidade (PELÚCIO, 2004).

No plano do imaginário social, a homossexualidade é, via de regra, identificada como uma incoerência entre um gênero (construção social) e um corpo (sexo biológico), que foi, por muito tempo (em alguns contextos ainda é), considerada doença física e/ou mental, a partir do argumento básico de que compreende uma prática sexual que fere o princípio ético de preservação da espécie (SPARGO, 2006).



A subjetividade homossexual e as relações homoafetivas não estão de acordo com o conceito de masculinidade e heterossexualidade, os sujeitos homossexuais não são validados pela sociedade como modelos de aprendizagem e socialização, prevalece, ainda, a cultura patriarcal.

Os processos de subjetivação dos gêneros incluem os seguintes conceitos: corporeidade, liberdade, auto-estima, auto-conceito positivo, aceitação social, cognição, sentimentos, sexualidade, trabalho, privacidade obtida através da aquisição ou usufruto de um espaço físico que permite vivenciar a intimidade, amigos, família consangüínea, etc (PIMENTEL *et al*, 2010).

Esta compreensão rompe com a perspectiva reducionista que enquadra o homossexual no limite da sexualidade e nega que a expressão plena: imaginação, criação, assumir cargos de poder e a comunicabilidade sejam reconhecidas como dimensões da subjetividade, e contribuição para a transformação social e ética dos lugares em que vivemos. Desta maneira, entende-se que o homem homossexual pode vivenciar semelhantes projetos de vida do homem heterossexual, como por exemplo, a paternidade.

Novos arranjos familiares e paternidade homossexual

Através da militância com ações e reivindicações é notório o avanço de conquistas e atitudes dos homossexuais que contribuem decisivamente para uma maior visibilidade dos mesmos na sociedade. Os homossexuais estão se colocando, querem viver livremente suas sexualidades, nas esferas públicas e privadas, querem paternidade, união civil, direito à família, assistência à saúde, prevenção de DST e AIDS (ÁVILA, 2004).

Dentre as diversas manifestações homossexuais existe a questão das uniões homoafetivas como entidade familiar, que é uma relação afetiva entre pessoas do mesmo sexo, com semelhanças de uma união estável nos termos da lei, representada pelos inúmeros casos de pessoas do mesmo sexo que convivem sob o mesmo teto, de forma contínua e duradoura, esforçando-se para manter uma relação estável, pautada no amor, no respeito e na solidariedade mútua. Negar esses fatos seria como vender os olhos a uma realidade que já se tornou pública e cotidiana no Brasil e no mundo (AZEVEDO, 2007).

Entendemos que a conjugalidade entre homem e mulher deixa de ser a garantia da reprodução da espécie, a reprodução biológica pode ocorrer fora dos contextos da conjugalidade, e mesmo da sexualidade, assumindo visibilidade e aceitação social crescentes, a exemplo da gravidez na adolescência, da paternidade/maternidade solteiras e da gravidez resultante de inseminação artificial e fecundação *in vitro* (UZIEL, 2005).



Desta maneira, aumentam as possibilidades de um/a homossexual ser pai/mãe, pois com os processos de adoção, tecnologias de reprodução e o envolvimento com o sexo oposto este personagem da sociedade atual tem a possibilidade de constituir família, principalmente quando vive o fenômeno da união homoafetiva (MOUTA, 2007).

A subjetividade homoerótica foi construída a partir de um intenso processo histórico que no início foi marcado por intenso preconceito e estigmatização, mas que agora caminha para um processo de maior aceitação, chamando a sociedade para refletir nas diversas formas de afetividade, incluindo as homossexuais e suas diversas formas de relacionamentos, como a união homoafetiva, na qual muitos homens reivindicam o direito à paternidade. Daí a necessidade de se elaborar práticas na área da saúde que possam contribuir para o homem homossexual se inserir socialmente e com qualidade de vida, livre para fazer suas escolhas e projetos de vida, e um desses projetos pode ser a vivência da paternidade. Por isso, neste estudo, se faz necessário fazer algumas ponderações sobre paternidade

Vários pesquisadores vêm se dedicando ao estudo desta temática, que atravessa o ponto de vista jurídico, a ótica da psicologia e da psicanálise, assim como da sociologia e da antropologia. A questão da paternidade é cada vez mais complexa e atual, o que incita reflexões nos diversos âmbitos de estudos das ciências humanas, pois há reconhecimento da figura paterna através da construção de laços afetivos, formais, civis, culturais, religiosos, históricos, políticos em relação aos seus descendentes, sendo desta forma de múltiplas faces (BANDEIRA, 2006).

A paternidade vem sofrendo um deslocamento do âmbito privado para questão de interesse público, pois na assunção de seus papéis de pais os genitores não devem limitar seus encargos ao aspecto material, ao sustento. Alimentar o corpo, sim, mas também cuidar da alma, da moral, da psique, principalmente da delegação de amparo aos filhos (PEREIRA; SILVA, 2006). Desta maneira, pretende-se realizar algumas considerações em relação à paternidade, para se entender a figura do pai e sua importância na relação pai/ filho.

O pai contribui para que o indivíduo desenvolva sua personalidade e integração social, através deste personagem da família o filho encontra conforto, amparo, refúgio para sua sobrevivência, formação e estruturação psíquica. A relação pai-filho é importante para o desenvolvimento físico, psíquico e afetivo saudável da criança. O pai é aquele que se vincula afetivamente com os filhos, exercendo sobre eles poder de gênero e geracional, em consequência da diferença de idade (UNBEHAUM, 2000).



Desta maneira, o homem homossexual no ciclo da vida humana adulto jovem “caracterizado pela idade das amizades e de namoros mais estáveis e que muitos casam, concebem, geram e acompanham seus filhos na infância” (ELZIRICK, KAPCZINSKI, BASSOLS, 2004, p.151) pode expressar o desejo de ser pai, de vivenciar a paternidade, vinculando-se afetivamente, assumindo responsabilidade por uma criança, principalmente se estiver bem esclarecido sobre as principais ações que envolvem o cuidado paterno, descritas anteriormente. Neste trabalho, utilizam-se as considerações de um sujeito entrevistado.

A identificação de eros

O sujeito da entrevista solicitou para ser chamado de Eros. O rapaz tem 25 anos, é natural de Ulianópolis, atualmente mora na cidade de Belém, pois está cursando o primeiro ano do curso de farmácia em uma faculdade particular. Mora com sua tia, seu irmão e 3 primos. Apenas uma prima sabe de sua orientação sexual, os seus pais são de criação (avô e avô materna), conhece sua mãe biológica, o pai biológico conheceu ano passado, pois a irmã por parte do pai teve interesse de conhecer o rapaz e neste episódio acabou conhecendo o seu pai biológico.

Considera que é homossexual, informou que teve apenas um namorado, que gostou muito, mas o mesmo acabou terminando o relacionamento com ele, deixando-o decepcionado, desde esse episódio não namorou mais, se relaciona de forma superficial com outros homens. Por virtude de confirmar que pretende construir família e tem o desejo de ser pai, o pesquisador decidiu incluí-lo nesta pesquisa e realizou entrevista com Eros, em relação às suas significações acerca da paternidade, a qual está descrita com suas significações.

Análise dos significados derivados dos dados

- **Significado da paternidade**

“Na verdade paternidade para mim é ter responsabilidade com o ser que vai nascer, responsabilidade na educação, como esse indivíduo vai se formar, que na verdade esse ser vai ser tua família no futuro, responsabilidade financeira, amorosa, responsável no que essa criança vai se tornar no futuro”.

- **Métodos para alcançar a paternidade**

“De maneira natural mesmo, com uma mulher, já tive relação com mulheres e não tive nenhum problema, acho o sexo com mulheres bem melhor do que com homens, me refiro à questão de anatomia. Mas se por acaso no futuro tivesse uma boa condição econômica, e não tivesse realizado a paternidade com nenhuma mulher eu utilizaria métodos artificiais para alcançar a paternidade”.



- **Dificuldades na vivência da paternidade**

“Cara, hoje tá muito difícil criar os filhos, acho que desde criança percebemos que a criança pode se envolver em diversos conflitos; pode fazer atitudes erradas, minha preocupação é essa: não saber criar meu filho para ser um cidadão do bem”.

- **Comunicação da orientação sexual para filhos**

Teria vergonha de revelar minha orientação sexual para o meu filho, porque para mim iria decepcioná-lo, pois a sociedade considera normal um relacionamento entre homem e mulher, ser pai sozinho e não ter uma mulher por perto gera desconfiança de outras pessoas, no caso tenho receio que meu filho sofra com a sociedade por saber que sou gay e pai dele”.

- **Educação de meninas e de meninos**

“Gostaria de ser pai de uma criança do sexo feminino, tenho o maior medo de ser pai de uma criança do sexo masculino e ela ser homossexual, sei que isto pode acontecer com uma criança do sexo feminino, mas considero que as mulheres sofrem menos do que os homens, pois a sociedade é machista, vivemos em uma sociedade que ser homem é ser muito macho, e ser gay não é legal na sociedade, o homem tem muita dificuldade para vivenciar sua sexualidade homossexual.

Considerações finais

Ao entrarmos em contato com Eros de modo respeitoso, compreensivo e atento às suas manifestações verbais e não-verbais, pudemos identificar os significados que o mesmo atribui à paternidade, assim como à sua homossexualidade. Apresentar este material é um ensaio do desejo de contribuir com outros profissionais na estruturação de intervenções de cunho preventivo e tratamento, além de oferecer indicativos para produzirem conhecimento da subjetividade de homens homossexuais que desejam vivenciar a paternidade.

Referências

ÁVILA, M.B. Homens: sexualidade e reprodução. In: MEDRADO, et al. **Homens: tempos, práticas e vozes**. Recife: Instituto Papai/Fages/Nepo/Pegapacará, 2004. 19-21 p.

AZEVEDO, A.V. União entre pessoas do mesmo sexo. **Rev.direito de família e sucessões**, v.1, n.1, p.06-10, julh. 2007.

BANDEIRA, L; COSTA, A. T. Paternidade e cidadania. **Sociedade e estado**. Brasília. v.1,n.1set/dez.2006. p. 597-599.

BARTALOTTI, C.C. **Terapia Ocupacional e inclusão social**. Disponível em HTTP: < www.celinacb.tripod.com.br/toeinclusaosocial/id1.html.> Acesso em 10 de ago 2009.



- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003. 236 p.
- DE JESUS, B. Parceria civil: a construção da opinião pública. In: ÁVILA, M.B; PORTELLA, A.P; FERREIRA, V. **Novas legalidades e democratização da vida social: família, sexualidade e aborto**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p 67-75.
- DE OLIVEIRA et al. Comunidade de atendimento sócio-educativo (CASE-SSA)- Um campo de ação da terapia ocupacional social VII Congresso norte-nordeste de terapia ocupacional: terapia ocupacional na contemporaneidade: objeto e ação-percursos, perspectivas e desafios, 2008, Salvador. **Anais...** Salvador. 2008. 404 p.
- ELZIRIK, C.L; KAPCZINSKI, F; BASSOLS, A. M. S. **O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica** Porto Alegre: Artmed, 2001. 250 p.
- GONTIJO, F. Culturas diversas, homossexualidades plurais, legalidades múltiplas. In: **Novas legalidades e democratização da vida social: família, sexualidade e aborto**. Rio de Janeiro, 2005. p. 121-126.
- MOUTA, J.S. **Direitos e homoparentalidade**. Disponível em: <http://www.igualdades2007.com>. acesso em: 12 de nov. 2008.
- PELÚCIO, L.M. **Travestis, a (re) construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo**. Rev. Antropológicas, ano 8, v .15, p 123-154, 2004.
- PEREIRA, R.C; SILVA, M, C. Nem só de pão vive o homem. **Sociedade e estado. Brasília**. ,v.21, n.3, p.669-682, set/dez 2006.
- PERLS, F.S. **Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata do lixo**. São Paulo: Summus, 1979.
- _____. **Cuidado paterno e enfrentamento da violência**. São Paulo: Summus, 2008. 102 p.
- PIMENTEL, A.; OLIVEIRA, I.B.; ARAÚJO, L. Pesquisas qualitativas aplicações em terapia ocupacional e psicologia. In: PIMENTEL, A.; OLIVEIRA, I.B.; ARAÚJO, L. **Pesquisas qualitativas em terapia ocupacional**. Belém: Amazônia Editora, 2009. p 25-39.
- RIBEIRO, J.P. **Gestalt-terapia: refazendo um caminho**. São Paulo: Summus, 1985.
- RICOUER, P. **Teoria das interpretações**. Lisboa: Edições 70, 1975, 109 p.
- SANTOS, C.A **parentalidade em famílias homossexuais com filhos: um estudo fenomenológico da vivência de gays e lésbicas**. São Paulo, 2004. 445 f. Tese (Doutorado em Psicologia)- Universidade de São Paulo, 2004.
- SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Rev. Educação e Realidade, ano 2, v.20, p 71-100, 1995.
- SCOTT, P. Família, moralidades e as novas leis. In: ÁVILA, M.B; PORTELLA, A.P; FERREIRA, V. **Novas legalidades e democratização da vida social: família, sexualidade e aborto**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p 43-51.
- SPARGO, T. **Foucault e a teoria queer**. Rio de Janeiro: Ed. UFJF, 2006. 67 P.



TARNOVSKI, F.L. **Homoparentalidade à brasileira**: paternidade homossexual em contextos relacionais. Disponível em: <http://www.cuidanasesexual.org/bolet>. acesso em 12 de nov.2008.

TELLEGEN, T.A. **Gestalt e grupos**- uma perspectiva sistêmica. São Paulo: Summus, 1984.

UNBEHAUM, S. Paternidade e masculinidade em contextos diversos. **Rev.Estudos Feministas**, v.9, n.2, p 4-5,dez 2000.

UZIEL, A.P. **Família e homossexualidade**: velhas questões e novos problemas. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas- Ciências Sociais, 2002, 210 p.

UZIEL, A. P. Parceria civil: o desejo e o direito de ter filhos. In: In: ÁVILA, M.B; PORTELLA, A.P; FERREIRA, V. **Novas legalidades e democratização da vida social**: família, sexualidade e aborto. Rio de Janeiro: Garamound, 2005. p 113-119.

ZAMBRANO, E. Parentalidades “impensáveis”: pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 12, n. 26, p. 123-147, jul./dez. 2006.

ZAMBRANO, E.et al. **O direito à homoparentalidade**: cartilha sobre famílias constituídas por pais homossexuais. Porto Alegre: Instituto de acesso à justiça, 2006-p. 4.